

Apresentação

O primeiro número dos Cadernos de Subjetividade, de 1992, coincidiu com a morte de Guattari, compondo um dossiê em sua homenagem. Nesta edição de comemoração dos 30 anos dos Cadernos, decidimos celebrar o eco vivo do qual extraímos forças para novos focos de singularidade. Para isso, pensamos uma edição que trouxesse uma série de trabalhos e entrevistas de diversos autores. Publicadas no decorrer dos volumes, desenvolveram algumas linhas “guattarianas” que repercutiram nas últimas décadas. Além disso, também agregamos ao dossiê trabalhos inéditos que fazem ressoar tais linhas hoje.

Guattari, em sua última vinda ao Brasil deu uma série de entrevistas (algumas encontradas na primeira edição dos Cadernos, outras republicadas na presente edição) que nos marcaram pela apresentação de seus últimos arranjos de pensamentos e conceitos. Ao revisitar essas entrevistas, ficou clara sua dedicação a uma psicologia do futuro, para que haja futuros.

Nesse sentido, pensamos sobre o tom revolucionário de Guattari. Mas que tom seria esse, quando a própria ideia de revolução se borra no seu apelo ao molecular? O *todo* é uma parte perigosa dos agenciamentos... A ideia de revolução molecular é precisa, justamente por nos despertar do sono implosivo que o capitalismo impõe ao anestesiar corpos e ideias. Que a única implosão seja a do *vazio* entre o sujeito, o outro e a alteridade – novelar o hiato entre sujeito e objeto. Como construir cada vez mais máquinas de implodir o vazio entre dois pontos, que muitas vezes chamamos de ponte?

Ao cientificismo romântico atual (lógica da interação, do conflito, da entropia e de uma etologia reacionária, tanto na arte quanto na ciência), Guattari opôs um paradigma estético, da criatividade, de outra textura ontológica. Objeto-sujeito enovelados – “ecobjeto” de uma ecosofia. Para liberar o futuro, suas utopias e profecias de qualquer tom paranoico que nos faça aderir à ordem. “Re-situar um objeto-sujeito na relação de alteridades”, para construir um universo de certa suavidade.

Guattari apontou essa suavidade como dado imediato da subjetividade coletiva. Os mundos não tendem agressivamente ao retorno a uma totalidade nostálgica, a ser sempre sublimada. Os mundos tendem a quereres no patamar dessa suavidade. A amar a diferença no outro, ao invés de apenas tolerá-la via códigos e leis.

Esse paradigma demanda relações de imanência entre o pensamento, a imagem, o corpo... Como na prática xamânica dos Watoriki, que Stella Senra relata, onde as imagens dos primeiros tempos são “bai-xadas” pelos xamãs para curar, em favor de uma outra ecologia... Fazer descer as imagens no corpo do xamã e nele encontrar uma resolução, fazendo-o saltar de ponto de vista (não permitindo a correspondência reducionista entre imagem e linguagem de tal modo que uma controle a outra, como na televisão, onde se diz o que se mostra e se mostra o que se diz...);

ou, como os indígenas australianos, como mostra Bárbara Glowczewski, que reencontram no *sonhar* os territórios existenciais que nutrem suas individualidades, relações sociais e relações com o mundo;

como Pascale Criton, compositora que indaga como a escuta se agencia, propondo pensar na paisagem plural, interna e externa, da nossa relação com os sinais sonoros (a música e os ruídos), como uma composição da escuta;

ou a pluralidade de experiências em La Borde, que Jean Oury partilha com Danielle Sivadon; ou pensar a escuta até mesmo dos sintomas que aparecem na clínica, ouvidos por Anne Sauvagnargues na paisagem de Guattari, como sendo “pássaros que batem o bico na vidraça”;

ou simplesmente limpar o fazer de todo idiotismo neurótico, poder tecê-lo com calma, “delignyeado” sobre uma pequena jangada...

Tudo isso, e *mais, ainda*, demanda que a escrita e a pesquisa sejam acontecimentos que multipliquem focos enunciativos.

Psicologia dos futuros, ou seja, construtivista. E construir implica revisitar, mas apenas para alimentar a conversa. Como respondeu Félix a Suely em uma de suas últimas entrevistas em 1992: “Falar do passado como um inevitável compromisso cartográfico – isso alimenta a conversa – mas sem que isso vire um véu, que instaure uma relação de opacidade, que impeça de captar novos pontos de singularidade”.